

# Manifesto das Juventudes dos Semiáridos da América Latina para a COP 30



Nós, juventudes semiáridas, indígenas, afrodescendentes, quilombolas, rurais, camponesas e caatingueiras da América Latina, nos unimos para fazer ouvir e ecoar nossas vozes em todo o mundo. Somos jovens do Semiárido Brasileiro, do Corredor Seco da América Central, do Chaco Trinacional, do Semiárido Mexicano e da Colômbia. Este documento expressa nossa resistência, nossa esperança e nossa exigência por justiça climática.

Somos de distintos territórios que sofrem as diversas consequências das mudanças do clima, mas que também nos ensinam a conviver com a natureza. Somos os herdeiros dos saberes ancestrais e, ao mesmo tempo, carregamos a inovação e as tecnologias sociais para a ação climática. Sem nós, não há futuro possível para os semiáridos, nem para o planeta.

Lutamos pelo cuidado e defesa de nossos territórios, os mais vulneráveis à aceleração das mudanças climáticas. A vida resiste e floresce apesar do abandono histórico. Somos sinônimos de resiliência e não de escassez, de força ancestral e não de atraso. Defendemos os Semiáridos e seus biomas de pé, pois a devastação, os agrotóxicos e as queimadas são realidades cotidianas que combatemos.

**O modelo econômico atual, baseado na exploração desenfreada da natureza – como o extrativismo e a mineração –, ameaça o futuro de nossas crianças, adolescentes e juventudes.** Ele devasta a biodiversidade e a cultura dos nossos povos. Vivemos em um contexto de escassez hídrica, aumento da temperatura, desmatamento desenfreado e urbanização acelerada, que coloca em risco os direitos à alimentação saudável, os direitos ambientais e oportunidades de vida digna.

Valorizamos a transição energética, mas exigimos que seja justa, participativa e que não repita as violências e desigualdades causadas pelas fontes fósseis. As comunidades locais devem ser ouvidas e beneficiadas, não deslocadas. **Historicamente, não contribuimos com o aquecimento global, mas somos os que mais sofremos suas consequências.**

Propomos e vivemos o fortalecimento das economias locais, comunitárias e agroecológicas, que respeitam os ciclos da água, a biodiversidade e a vida. É urgente nos unirmos e trabalharmos de forma articulada para gerar ações de adaptação, criar espaços de informação, formação, criação de tecnologia e facilitar o acesso às tecnologias sociais.

**É fundamental o reconhecimento internacional dos territórios semiáridos, nos textos de negociação climática.** Apesar do déficit de produção científica e da invisibilização dos conhecimentos desenvolvidos nesses territórios, pesquisas recentes apontam sua relevante contribuição na mitigação dos efeitos climáticos e na alta eficiência de captação de gases de efeito estufa. Estratégias como a "Sistematização e reconhecimento dos saberes tradicionais e populares" e o "fomento à pesquisa, em todas as áreas do conhecimento, que se relacione diretamente com os territórios semiáridos" são alternativas importantes para reverter essa invisibilidade.

A cultura é um pilar da nossa resistência. Projetos de fomento cultural são ferramentas fundamentais para fortalecer as identidades tradicionais e, conseqüentemente, proteger o território.

**Por tudo isso, demandamos com urgência:**

## 1. Eixo: Transição Energética Justa e Direito Territorial

Implementação de energias renováveis socialmente justas e descentralizadas; Garantia da titulação, regularização e demarcação de terras; Aplicação efetiva da Consulta Livre, Prévia e Informada, conforme previsto na Convenção 169 da OIT.

## 2. Eixo: Perdas e Danos

Exigir reconhecimento das perdas irreparáveis e danos acumulados que ultrapassam os limites da crise climática; Reparação das invasões de territórios indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais; Indenização pela perda da biodiversidade como resposta direta ao tráfico de animais, extração ilegal de madeira e biopirataria; Responsabilização e compensação do genocídio étnico e assassinatos de defensores ambientais, conforme o Acordo de Escazú; Restauração dos ecossistemas degradados pela mineração, exploração e escassez de recursos naturais; Reconhecimento das perdas culturais e espirituais, inclusive dos saberes dos anciões e mais velhos, nossas bibliotecas vivas.

## Eixo: Financiamento climático

Exigimos que os países do Norte global financiem programas e projetos para os países mais impactados com as mudanças do clima; Acesso direto e oportuno de financiamento e mobilização de recursos para juventudes e comunidades tradicionais; Financiamento para acesso à terra, a crédito agroecológico e a fortalecimento de práticas sustentáveis como cisternas, manejo hídrico e energias renováveis; Financiamento específico para projetos de fomento cultural como ferramenta de fortalecimento das identidades tradicionais e proteção dos territórios.

## Adaptação e Convivência com os Semiáridos

Educação contextualizada para a convivência com os semiáridos na base curricular escolar; Valorização e redes de guardiões das sementes crioulas; Programas de cisternas e outras tecnologias sociais de captação e manejo de água; Assistência técnica para adaptação da produção baseada na agroecologia.

## Eixo: Mitigação

Conservação e restauração das florestas secas nativas dos semiáridos; Políticas que garantam a permanência das juventudes no campo; Processos pedagógicos com estratégias de adaptação e mitigação; Valorização dos saberes tradicionais como ciência legítima.

## Eixo: Participação social e justiça interseccional

Intercâmbio de experiências e feiras de saberes: Consultas prévias e cumprimento de protocolos de consulta autônomos; Fortalecer redes de diversidade de gênero, raça, etnia, orientação sexual, entre outros.

## Eixo: Agroecologia como Política de Estado

Territórios livres de agrotóxicos; Modelos agroecológicos que garantam geração de renda, soberania alimentar e sucessão rural; Sem juventudes não há agroecologia.

Nossa voz exige justiça climática, por isso convocamos os governos, as instituições internacionais e os povos do mundo para escutar aqueles que verdadeiramente têm convivido com os semiáridos e protegem estes territórios. Garantir o acesso à educação, saúde, trabalho digno e segurança alimentar é o caminho para que os jovens continuem a defender e cuidar da natureza.

O semiárido não é sinônimo de escassez, é um repositório de sabedoria ancestral, diversidade cultural e inovação popular. Para honrar essa riqueza, é essencial considerar investimentos diretos nas comunidades, permitindo que administrem de forma autônoma e direta. **Nossa voz não pede caridade, exige justiça climática.**

Pelos territórios, pelas culturas e pela vida!

Juventudes dos Semiáridos da América Latina



# Manifesto of the Youth from the Semiarid Regions of Latin America for COP 30



We, youth from the Semiarid, rural and caatinga; Indigenous, Afro-descendants and quilombolas of Latin America, unite to make our voices heard and echoed across the world. We are young people from Brazil's Semiarid Region, the Central American Dry Corridor, the Trinational Chaco, the Mexican Semiarid Region, and Colombia. This document expresses our resistance, our hope, and our demand for climate justice.

We come from different territories that face the many consequences of climate change, but they also teach us to coexist with nature. We are heirs to ancestral knowledge, and at the same time we carry innovation and social technologies for climate action. Without us, there is no possible future for the Semiarid regions, nor for the planet.

We fight to care for and defend our territories, which are among the most vulnerable to accelerating climate change. Life resists and flourishes despite historical neglect. We are synonyms of resilience, not scarcity. Of ancestral strength, not backwardness. We defend the semiarid regions and their biomes, standing firm against the realities we confront daily: devastation, agrochemicals, and wildfires.

**The current economic model, based on the unrestrained exploitation of nature — such as extractivism and mining — threatens the future of our children, adolescents, and youth.** It devastates both biodiversity and the cultures of our people. We live in a context of water scarcity, rising temperatures, rampant deforestation, and accelerated urbanization — conditions that endanger our right to healthy food, environmental rights, and the possibility of a dignified life.

We value the energy transition, but we demand that it be fair, participatory, and that it must not reproduce the same violence and inequalities caused by fossil fuels. Local communities must be heard and benefit — not be displaced. **Historically, we have not contributed to global warming, yet we are the ones who suffer its most severe consequences.**

We propose — and already practice — the strengthening of local, community-based, and agroecological economies that respect water cycles, biodiversity, and life. It is urgent that we unite and work in coordination to generate adaptation actions, create spaces for information exchange, training, technology development, and ensure access to social technologies.

**It is essential that Semiarid territories be internationally recognized within climate negotiation texts.** Despite the scientific production gap and the invisibility of knowledge developed in these regions, recent studies highlight their relevant contribution to mitigating climate impacts and their high efficiency in greenhouse gas absorption. Strategies such as the systematization and recognition of traditional and popular knowledge and the promotion of research in all fields directly related to semiarid territories are important alternatives to reverse this invisibility.

Culture is a pillar of our resistance. Cultural promotion projects are fundamental tools to strengthen traditional identities and, consequently, protect our territories.

**Therefore, we urgently demand:**

## **1st Axis: Just Energy Transition and Territorial Rights**

Implementation of socially just and decentralized renewable energies; Guarantee of land titling, regularization, and demarcation; Effective application of Free, Prior and Informed Consultation, as established by ILO Convention 169.

## 2nd Axis: Loss and Damage

Recognition of irreparable losses and accumulated damages that go beyond the limits of the climate crisis; Reparation for invasions of Indigenous, Quilombola, and traditional community territories; Compensation for biodiversity loss as a direct response to wildlife trafficking, illegal logging, and biopiracy; Accountability and reparation for ethnic genocide and the murders of environmental defenders, in accordance with the Escazú Agreement; Restoration of ecosystems degraded by mining, extraction, and the depletion of natural resources; Recognition of cultural and spiritual losses, including the knowledge of elders — our living libraries.

## 3rd Axis: Climate Finance

We demand that Global North countries finance programs and projects for those most affected by climate change; Direct and timely access to funding and resource mobilization for youth and traditional communities; Financing for land access, agroecological credit, and the strengthening of sustainable practices such as cisterns, water management, and renewable energy; Specific funding for cultural promotion projects as tools for strengthening traditional identities and protecting territories.

## 4th Axis: Adaptation and Coexistence with Semiarid Regions

Contextualized education for living with the semiarid regions, integrated into school curriculum; Valorization and networks of guardians of native seeds; Programs for cisterns and other social technologies for water harvesting and management; Technical assistance for adapting production based on agroecology.

## 5th Axis: Mitigation

Conservation and restoration of native dry forests in semiarid regions; Public policies to ensure youth remain in rural areas; Educational processes incorporating adaptation and mitigation strategies; Recognition of traditional knowledge as legitimate science.

## 6th Axis: Social Participation and Intersectional Justice

Exchange of experiences and knowledge fairs; Prior consultations and compliance with autonomous consultation protocols; Strengthening networks for gender, racial, ethnic, and sexual diversity, among others.

## 7th Axis: Agroecology as State Policy

Territories free from agrochemicals; Agroecological models that ensure income generation, food sovereignty, and rural succession; Without youth, there is no agroecology.

Our voices demand climate justice. We call on governments, international institutions, and the people of the world to listen to those who truly live with and protect the semiarid territories. Ensuring access to education, health, decent work, and food security is the path for young people to continue defending and caring for nature.

The Semiarid is not a synonym for scarcity — it is a repository of ancestral wisdom, cultural diversity, and popular innovation. To honor this richness, it is essential to ensure direct investments in communities, allowing them to manage resources autonomously. **Our voices do not ask for charity, we demand climate justice.**

For the territories, for the cultures, and for life!

Youth from the Semiarid Regions of Latin America



# Manifiesto de las Juventudes de las Zonas Semiáridas de América Latina para la COP 30



Nosotras y nosotros, juventudes de las zonas semiáridas, indígenas, afrodescendientes, quilombolas, rurales, campesinas y caatingueiras de América Latina, nos unimos para hacer oír y resonar nuestras voces en todo el mundo. Somos jóvenes del Semiárido Brasileño, del Corredor Seco Centroamericano, del Chaco Trinacional, del Semiárido Mexicano y de Colombia. Este documento expresa nuestra resistencia, nuestra esperanza y nuestra exigencia de justicia climática.

Provenimos de distintos territorios que sufren diversas consecuencias del cambio climático, pero que también nos enseñan a convivir con la naturaleza. Somos herederas y herederos de saberes ancestrales y, al mismo tiempo, portadoras y portadores de innovación y de tecnologías sociales para la acción climática. Sin nosotras y nosotros, no hay futuro posible para las zonas semiáridas ni para el planeta.

Luchamos por el cuidado y la defensa de nuestros territorios, los más vulnerables frente a la aceleración del cambio climático. La vida resiste y florece, a pesar del abandono histórico. Somos sinónimo de resiliencia, no de escasez; de fuerza ancestral, no de atraso. Defendemos las zonas semiáridas y sus biomas en pie, porque la devastación, los agrotóxicos y los incendios son realidades cotidianas que combatimos.

**El modelo económico actual, basado en la explotación desenfrenada de la naturaleza — como el extractivismo y la minería —, amenaza el futuro de nuestras niñas, niños, adolescentes y juventudes.** Devasta la biodiversidad y la cultura de nuestros pueblos. Vivimos en un contexto de escasez hídrica, aumento de la temperatura, deforestación descontrolada y urbanización acelerada, que pone en riesgo el derecho a una alimentación saludable, los derechos ambientales y las oportunidades de una vida digna.

Valoramos la transición energética, pero exigimos que sea justa, participativa y que no repita las violencias y desigualdades generadas por las fuentes fósiles. Las comunidades locales deben ser escuchadas y beneficiarias, no desplazadas. **Históricamente no hemos contribuido al calentamiento global, pero somos quienes más sufrimos sus consecuencias.**

Proponemos y practicamos el fortalecimiento de las economías locales, comunitarias y agroecológicas, que respetan los ciclos del agua, la biodiversidad y la vida. Es urgente unirnos y trabajar de manera articulada para generar acciones de adaptación, crear espacios de información, formación, desarrollo tecnológico y facilitar el acceso a las tecnologías sociales.

**Es fundamental el reconocimiento internacional de los territorios semiáridos en los textos de negociación climática.** A pesar del déficit en la producción científica y de la invisibilización de los conocimientos desarrollados en estos territorios, investigaciones recientes demuestran su importante contribución a la mitigación de los efectos climáticos y su alta eficiencia en la captación de gases de efecto invernadero. Estrategias como la “sistematización y reconocimiento de los saberes tradicionales y populares” y el “fomento a la investigación, en todas las áreas del conocimiento, que se relacione directamente con los territorios semiáridos” son alternativas esenciales para revertir esta invisibilidad.

La cultura es un pilar de nuestra resistencia. Los proyectos de fomento cultural son herramientas fundamentales para fortalecer las identidades tradicionales y, en consecuencia, proteger el territorio.

**Por todo esto, demandamos con urgencia:**

## **Eje: Transición Energética Justa y Derecho Territorial**

Implementación de energías renovables socialmente justas y descentralizadas; Garantía de titulación, regularización y demarcación de tierras; Aplicación efectiva de la Consulta Libre, Previa e Informada, conforme a lo establecido en el Convenio 169 de la OIT.

Reconocimiento de las pérdidas irreparables y de los daños acumulados que superan los límites de la crisis climática; Reparación por las invasiones de territorios indígenas, quilombolas y comunidades tradicionales; Indemnización por la pérdida de biodiversidad como respuesta directa al tráfico de animales, la tala ilegal y la biopiratería; Responsabilidad y compensación por el genocidio étnico y los asesinatos de defensores ambientales, de acuerdo con el Acuerdo de Escazú. Restauración de los ecosistemas degradados por la minería, la explotación y la escasez de recursos naturales; Reconocimiento de las pérdidas culturales y espirituales, incluidos los saberes de los ancianos y las ancianas, nuestras bibliotecas vivas.

### **Eje: Financiamiento Climático**

Exigimos que los países del Norte Global financien programas y proyectos para los países más afectados por el cambio climático; Acceso directo y oportuno al financiamiento y a la movilización de recursos para juventudes y comunidades tradicionales; Financiamiento para el acceso a la tierra, al crédito agroecológico y al fortalecimiento de prácticas sostenibles como las cisternas, la gestión del agua y las energías renovables; Financiamiento específico para proyectos de fomento cultural como herramienta para fortalecer las identidades tradicionales y proteger los territorios.

### **Eje: Adaptación y Convivencia con las Zonas Semiáridas**

Educación contextualizada para la convivencia con las zonas semiáridas, incorporada en los planes de estudios escolares; Valoración y redes de guardianes y guardianas de las semillas nativas; Programas de cisternas y otras tecnologías sociales de captación y manejo del agua; Asistencia técnica para la adaptación de la producción basada en la agroecología.

### **Eje: Mitigación**

Conservación y restauración de los bosques secos nativos de las zonas semiáridas; Políticas que garanticen la permanencia de las juventudes en el campo; Procesos pedagógicos con estrategias de adaptación y mitigación; Valoración de los saberes tradicionales como ciencia legítima.

### **Eje: Participación Social y Justicia Interseccional**

Intercambio de experiencias y ferias de saberes; Consultas previas y cumplimiento de protocolos de consulta autónomos; Fortalecimiento de redes de diversidad de género, raza, etnia, orientación sexual, entre otras.

### **Eje: Agroecología como Política de Estado**

Territorios libres de agrotóxicos; Modelos agroecológicos que garanticen generación de ingresos, soberanía alimentaria y sucesión rural; Sin juventudes, no hay agroecología.

Nuestra voz exige justicia climática. Por eso convocamos a los gobiernos, a las instituciones internacionales y a los pueblos del mundo a escuchar a quienes verdaderamente conviven con las zonas semiáridas y protegen estos territorios. Garantizar el acceso a la educación, la salud, el trabajo digno y la seguridad alimentaria es el camino para que las juventudes continúen defendiendo y cuidando la naturaleza.

El semiárido no es sinónimo de escasez: es un reservorio de sabiduría ancestral, diversidad cultural e innovación popular. Para honrar esta riqueza, es esencial promover inversiones directas en las comunidades, permitiendo que las gestionen de manera autónoma y directa. **Nuestra voz no pide caridad, exige justicia climática.**

¡Por los territorios, por las culturas y por la vida!

Juventudes de los Semiáridos de América Latina

